

arqa

ARQUITECTURA E ARTE

Jan | Fev 2010 | €11,00

Produções Efêmeras

REX
AMO*OMA

LOT-EK

SANAA

Baixa Atelier

wuda*

dass

raumlaborberlin

Recetas Urbanas

Adriano Carnevale Domingues

Arne Quinze

Mário Caeiro

Giovanni la Varra

Chris Salter

Carlos M. Teixeira

Bureau des Mésarchitectures

Markus Bader

Santiago Cirugeda

Ada Tolla + Giuseppe Lignano

Usman Haque

Alexander Reichert

João Mendes Ribeiro

Cinco Áfricas / Cinco Escolas • GERAÇÃO Z #1

Pedrita • Christo - Jeanne-Claude • Nuno Ramalho & Renato Ferrão

Dossier: Walkshop • Geração Z: Ternullomelo



ISSN: 1647-077X

ÍNDICE matérias

Os artigos assinados são da inteira
responsabilidade dos autores



raumlaborberlin, Spacebuster, Storefront for Art and Architecture, Nova Iorque
Foto: Berk Asai

06 Editorial

Luís Santiago Baptista – *Produções efêmeras: Entre a condição nómada e as práticas de acção urbana*

08 News Actualidades

16 Itinerâncias

Luís Santiago Baptista – *Cinco Áfricas / Cinco Escolas: BIA'09*

Luís Santiago Baptista – *Geração Z #1: Breve relato crítico do evento na Ordem dos Arquitectos*

26 Ensaios

Margarida Ventosa – *De que falamos quando falamos de efémero?: o efémero enquanto poética emergente*

28 Entrevistas

Perspectivas Internacionais: Mário Caeiro, Giovanni la Varra, Chris Salter, Carlos M. Teixeira, Bureau des Mésarchitectures, Markus Bade, Santiago Cirugeda, Ada Tolla + Giuseppe Lignano, Usman Haque, Alexander Reichert, João Mendes Ribeiro, Joseph Grima

44 Projectos

46 REX – *Teatro "Dee and Charles Wylly", Dallas, Texas*

56 AMO*OMA – *Pavilhão temporário "Prada Transformer", Seul*

62 LOT-EK – *Edifício transportável "Puma City", Portos do Mundo*

70 SANAA – *Pavilhão Temporário Serpentine Gallery 2009, Londres*

74 Baixa Atelier – *Instalações para a Presidência Portuguesa Do Conselho Europeu, Lisboa*

80 wuda* – *Edifício "Tridom Puzzle", Munique*

86 dass – *"treehouse hotel", Experimentadesign 09, Jardim da Estrela, Lisboa*

92 raumlaborberlin – *Intervenção urbana "Spacebuster", Storefront for Art and Architecture, Nova Iorque*

98 Recetas Urbanas – *Casa Quebra-cabeças, Sevilha*

104 Adriano Carnevale – *Abrigo / Manifesto, São Paulo*

108 Arne Quinze – *Escultura "Uchronia", Burning Man Festival, Deserto Black Rock, Nevada*

112 Crítica

Gonçalo Furtado – *Transitoriedade, Flexibilidade e Mobilidade...*

116 Design

Carla Carbone – *Pedrita: O elogio da memória*

120 Artes

David Santos – *Christo e Jeanne-Claude: Wrapped the world*

Sandra Vieira Jürgens – *Nuno Ramalho & Renato Ferrão: Interrogar um obstáculo*

130 Opinião Paralelas & Perpendiculares

Baptista-Bastos – *A eternidade do efémero*

132 Livros

Mário Chaves

134 Materiais

Materiais fornecidos pelas marcas

139 Dossier

Walkshop: *Aqueduto das Águas Livres*

147 Geração Z

Ternullomelo

Apoio:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

Editor:

Futurmagazine
Sociedade Editora, Lda

R. Alfredo Guisado, 39 – 1500-030 LISBOA
Telefone: 217 703 000 (geral)
217 783 504/05 (directos) Fax: 217 742 030
futurmagazine@gmail.com

arqa

ARQUITECTURA E ARTE

www.revarqa.com – futurmagazine@gmail.com

Director

Luís Santiago Baptista
lsbaptista@revarqa.com

Redacção

Margarida Ventosa (Coordenação)
margaridav@revarqa.com
Baptista-Bastos (Opinião),
Bárbara Coutinho (Editor Design) Carla Carbone,
David Santos (Editor Artes)
Gonçalo Furtado (Editor Crítica)
Mário Chaves (Livros), Nádria R. Bento (Tradução),
Paula Melâneo, Sandra Vieira Jürgens

Director de Arte/Produção
Edmundo Tenreiro

Paginação e Imagem

Raquel Caetano
Bruno Marcelino (desenhos)

Edição web
Paula Melâneo

Direcção de Comunicação/Marketing
Maria Rodrigues

Telm. 918 203 966 • mrodrigues@revarqa.com

Publicidade – PORTUGAL

Tel. +351 217 783 504/5
Fax +351 217 742 030
futurmagazine@gmail.com
mrodrigues@revarqa.com

Publicidade – BRASIL

Jorge S. Silva
Tel. +55 48 3237 - 9201
Cel. +55 48 9967 - 4699
jssilva@matrix.com.br

Publicidade – ESPANHA

Pilar Tendero Comunicación
Tel. +34 936 918 447
info@pilartendero.com

Impressão

OffsetMais - Artes Gráficas, S.A.
Rua Latino Coelho, nº 6 - Venda Nova
2700-516 Amadora

Distribuição

Logista Portugal
Área Ind. Passil, It 1-A, Palhavã
2894-002 Alcochete

Tiragem

10.000 Exemplares

Periodicidade
Mensal

ISSN: 1647-077X

ICS: 124055

Depósito Legal: 151722/00

Transitoriedade, Flexibilidade e Mobilidade...¹

A necessidade de ponderar a condição contemporânea e um resvalar para a a-política

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

O - Vivemos num contexto pós-industrial, global e digital, caracterizado pelo consumo frenético que dita qualquer dimensão humana à transitoriedade e pela mais-valia da flexibilidade. Também um contexto em que se instaura a mobilidade e o carácter globalizador como imperativo e um contexto pós-industrial da informação onde se transformam as distinções convencionais entre natural-artificial e físico-virtual. Este mundo, que lança prenúncios de efemeridade, transitoriedade, mobilidade e desaparecimento abala profundamente as premissas da arquitectura, que desde sempre foi vista como arte de construir associada à estabilidade.

Esta flexibilidade generalizada, a nosso ver, está expressa numa arquitectura caracterizada pela transitoriedade, desde logo presente no fenómeno da "independência da fachada", que pode ser compreendida a partir de uma reflexão acerca da nossa condição pós-moderna. Conceitos como "desaparecimento" (Virilio) ou "arquitectura líquida" (Solá-Morales) parecem também dar conta do dinamismo da condição cultural e económica em que vivemos. Ocorre uma "desmaterialização" que veio-vem anunciada por aparências leves, na ambição de adaptabilidade e flexibilidade-transitoriedade, e na instauração do nomadismo contemporâneo que generaliza a experiências deslocada. Ocorre também uma transformação da ideia estável de espaço arquitectónico que, pela importância decisiva, não pode deixar de mobilizar a crítica arquitectónica.

1 - A nosso ver, os prenúncios de flexibilidade vêm, como referimos, anunciados no campo cultural e arquitectónico.

A cultura actual, assente na instabilidade, efemeridade e renovabilidade, é caracterizável pelo dinamismo mediático, pelo zapping (rápida mudança de canais) e pelo surfing (saltitar da comunidade dos cibernautas) que vê na rede um suporte para a sua recriação contínua.

Esta cultura expressa-se também no espaço construído que toma como requisito a reutilização, sugerindo uma arquitectura mutante, efémera, participativa, interactiva, aberta e em constante transformação.

Uma cidade mutante e transitória, que muda de vestimenta constantemente, reflecte-se na atracção pelos eventos contemporâneos que posicionam a produção arquitectónica como um espectáculo para consumo. Os próprios espaços de vida arquitectónicos e urbanos contemporâneos, do ponto de vista económico ao estético, não parecem ter como objectivo a solidez, assumindo formas flexíveis e transitórias.

- A realidade (de flexibilidade) que experienciamos veio anunciada em novas lógicas estruturais, de aparência e materialidade trazidas pela industrialização à edificação. Segundo Maldonado², a desmaterialização-virtualização do material também se refere à substituição dos materiais tradicionais por outros de menor peso e densidade, como os polímeros ou plásticos difundidos desde a década de 30, e à "transparência", fenómeno que diz respeito à característica literal "per si" ou à alteração-artificialização e ocultação dos materiais com que cada vez menos os nossos sentidos contactam.³

- O fenómeno da flexibilidade diz respeito ao encurtamento do ciclo de vida e à mobilidade de usos. Na década de 60, Yona Friedman desenvolveu uma teoria centrada no conceito de "arquitectura móvil",

de certa forma como reacção ao ainda protagonista pensamento da "Carta de Atenas", que sugeria construções mutáveis capazes de acompanhar a evolução dos usos requeridos pela sociedade. Em "Dicionário de conceitos para La arquitectura Movil" de 1957-58, referia:

"As transformações sociais e as do modo de vida quotidiano são imprevisíveis para uma duração comparável à dos actuais edifícios.

Os edifícios e as novas cidades devem poder adaptar-se facilmente segundo a vontade da futura sociedade que os terá de utilizar: tem de permitir qualquer transformação sem que isso implique a demolição total. Trata-se do princípio da mobilidade (...)"⁴.

No mundo actual, múltiplo e hipotético, em que não podemos prever o futuro com certezas, a arquitectura e a cidade expressam a flexibilidade, tomando-a como uma necessidade e imperativo. Las Vegas, Times square, Piccadilly Circus, Shopping malls, Theme parks expressam radicalmente a proliferação de cenários transitórios.

Como refere Bart Lootsma⁵, segundo Koolhaas "os media tomarão completamente conta da parte estética da arquitectura como uma atmosfera temporária, libertando o arquitecto para concentrar-se na essência da sua profissão: organizar o espaço".⁶ Em "Virtual Dimension" questiona-se "Qual será a fé que espera a arquitectura quando essa não mais requer um telhado, estrutura, muro, janelas ou escadas e reduzir-se a um écran para publicidade?"⁷.

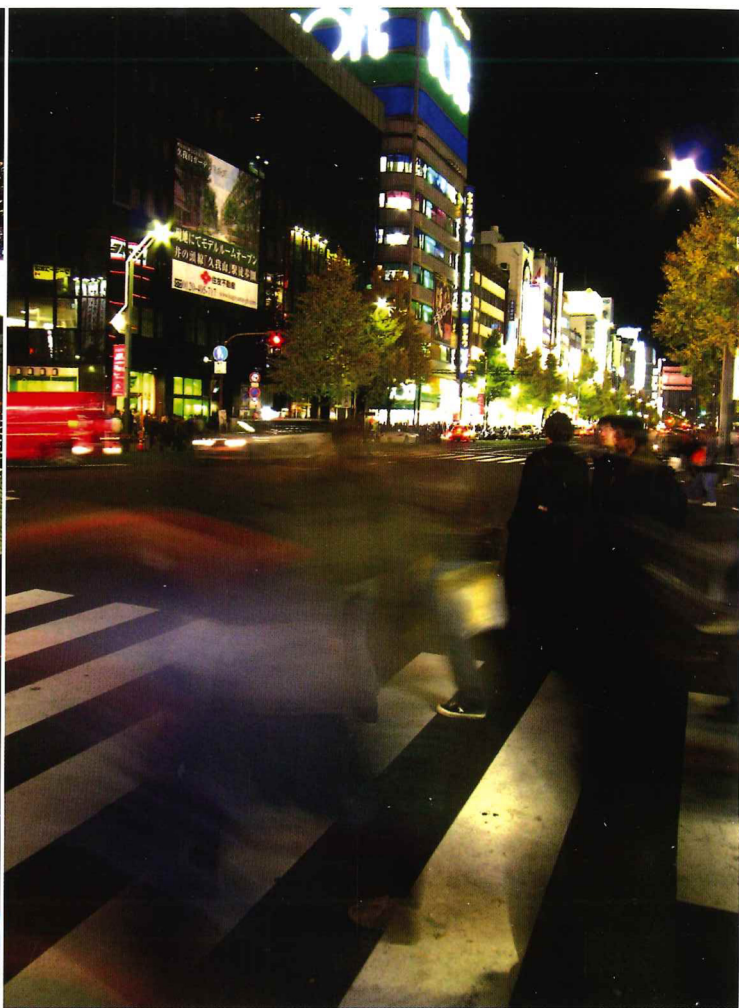
As próprias cidades-regiões há algum tempo que usam as estrelas mediáticas da arquitectura internacional para se tornarem atractivas.

Como refere Bert Muler, existem "edifícios especiais apenas desenhados por causa da grande aura que isso gera nos media (...) usando o exterior do edifício (...) que simplesmente parece bem"⁸.

A instabilidade actual da realidade é curiosamente identificável também pelo facto da arquitectura estar menos definível na sua materialidade do que pela efemeridade das imagens que circulam nos media.⁹ Depois da importância que os media tiveram para o alastramento do paradigma da arquitectura moderna, a "star system" incita a publicação da arquitectura tornando-a num objecto de consumo visual e uma condição espacio-temporal ambígua que o Pavilhão Alemão da Exposição Barcelonesa, de 1929, claramente expõe.¹⁰

- Em "Las Vegas, the success of excess", F. Anderton e J. Chase referem que o desenvolvimento deste destino turístico e da "Strip" tende para uma imensa amálgama de "theme park" e espectáculo multimédia, salientando o papel da luz (hoje controlada digitalmente por computadores digitais como na conhecida "Fremont Street") e a diversificada formalização arquitectónica das fachadas monumentais, (empreendida por equipas de decoradores, designers de luz, de cena e arquitectos), com o objectivo de seduzir, desorientar e criar um universo paralelo que dirija a experiência para a despesa, à semelhança do que acontece com a turística Disney World, de Orlando.

Nas últimas três décadas¹¹ proliferaram uma multiplicidade destes "não-lugares" (shopping-malls, themeparks, etc.), que funcionam mais como signos do que como lugares, onde nos imergimos num ritual sem espaço ou tempo. O seu protagonismo faz-nos questionar se o futuro de uma



Fotos: Ricardo Lima

parte da arquitectura não pode tender para aquilo que Venturi analisou na "Strip" de Las Vegas, um conjunto articulado de signos e linguagem para ser vivido a partir do automóvel.

Recordemos que a década de 60 foi, em grande parte, marcada por tendências que insistem na arquitectura como comunicação. Na produção arquitectónica das três últimas décadas podemos ver um reducionismo do feito arquitectónico ao visual. Botey identificou esta situação do interesse comunicativo de Venturi, ao enriquecimento do internacional pelos pós-modernismos de Jencks, da cenografia bucólica de Krier e Culot até à "Strada Novissima" que explicitará "(...) os aspectos mais característicos da arquitectura produzida (...), o seu carácter cenográfico, a sua condição decorativa e a sua vontade representativa (...)".¹² O privilégio conferido ao aspecto formal é passível e justifica generalizarmos o que refere a respeito de Boffil - "(...) formas cujo conteúdo vazio é o signo mais ameaçador do poder neste fim de século (...)". Um poder silencioso, omnipresente e oculto, a que a arquitectura presta servidão, mediante uma produção que tem como motor as forças económicas e políticas, baseado em critérios de rentabilidade e controle, abandonando o projecto social em favor de uma epiderme desresponsabilizada político-socialmente, reduzida à formalização cenográfica de programas acríticos, diluindo a sua especificidade e, talvez mesmo, arriscando a sua sobrevivência.

- A nosso ver todos estes fenómenos não são alheios à nossa condição pós-moderna.

Manuel Maria Carrilho, que se propõe reformular o problema "modernidade vs pós-modernidade" refere que, na perspectiva de Bell, o "pós-moderno" surge nos anos 30, definindo-se como a repetição

do movimento inaugural que o moderno impusera como valor, ao romper com a tradição e valorizar a novidade. O termo "pós-moderno" caracteriza pois a tensão conflituosa da própria modernidade. Em "O fim da modernidade", G. Vattimo reconheceu que falar de pós-modernidade é aceitar a ideia de história. Segundo Carrilho a saída deste paradoxo apenas é possível contornando-o, praticando o fim da história como Vattimo propôs ou vivê-lo aceitando "a semiotização generalizada que dá forma a experiência contemporânea (...) de uma pluralidade de racionalidades agora sem matriz dominante." É esta a posição que Carrilho propõe: de compreender e "elogiar a modernidade em termos da sua própria tensão, identificando o elemento pós-moderno na imensa variedade das suas manifestações, reconhecer-lhe o impulso que o singulariza (...) que (...) não é mais pensável como uma totalidade fechada e hierarquizada".¹³

- Hoje, se a arquitectura parece superar o interesse exclusivo dos 80 pela imagem e novidade "per si", estar interessada em desenvolver conceitos culturais e resistir a ser uma mera imagem terrífica do capitalismo internacional, os media público continuam a restringir o discurso estético sobre arquitectura ao denominado "pós-modernismo", mantendo-se alheios a experimentações (que a nosso ver caracterizam melhor a reflexão contemporânea) como a dos Nox ou mesmo uma casa tipo Bill Gates.

- Veja-se como Mirko Zardini em "Pele, muro, facciata", refere que "A arquitectura moderna estava confiante de que eliminaria o problema da fachada. A presença de um elemento autónomo (...) foi superada pela ideia da integridade edificada e a correspondência entre interior e exterior. Mas o plano livre de Corbusier pôs tudo em questão outra vez."¹⁴ Venturi por seu lado viu a fachada como um elemento de pura comunicação,

Esta flexibilidade generalizada, a nosso ver, está expressa numa arquitectura caracterizada pela transitoriedade, desde logo presente no fenómeno da “independência da fachada”, que pode ser compreendida a partir de uma reflexão acerca da nossa condição pós-moderna.

que tomaria preponderância sobre a ideia unitária, e a sua independência tornar-se-ia precisamente numa característica arquitectónica pós-moderna.

A fachada liberta-se, torna-se numa pele independente do edifício e seu conteúdo, e assume um papel narrativo ambicionando comunicar com o contexto urbano. A pele torna-se o local de produção de imagens (e mobilidade), em Karlsruhe de Koolhaas ou no “Mediapark” e nas “Galleries Lafayette” de Nouvel, numa superfície mediática que pode absorver a publicidade de Barbara Krueger ou Jenny Holzer, ou por vezes num artefacto inteligente do edifício.

Retomando o início da nossa exposição, voltamos a referir que a redução da opacidade do edifício teve início com os esqueletos metálicos e paramentos transparentes. Esses, habitando o tempo com um uso mínimo de matéria, enfrentam a ausência de forma e ambicionam fluir. Poderemos também dizer no mesmo sentido que a velocidade esteve presente na estética modernista. Mas “A mesma modernização que removeu o tempo da viagem igualmente removeu dela a realidade do espaço”.¹⁵ Agora terminais e aeroportos tornam-se espaço ambíguos, destinados a estruturar o movimento e a transferência, menos ligados ao espaço que à representação da passagem do tempo, tendendo a desaparecer em conjunto com ela. Muitos terminais tornam-se subterrâneos e os aeroportos localizados perifericamente tornam-se espaços desterritorializados e sem nação onde o problema da fachada perde relevância.

- Estas intervenções espaciais (auto-estradas, aeroportos e redes informativas) são também contemporâneas à formação de um espaço abstracto, que condena o espaço histórico da cidade a explodir.¹⁶ O “ciberespaço” prossegue a destabilização perceptiva e a produção da fragmentação física e social preconizada pela viagem motora e de um século fascinado pelo incremento da velocidade. No ponto “virtual architecture”, Rosler identifica que na arquitectura actual, já por vezes se substituem aspectos de presença em favor da significação e os adeptos do ciberespaço ambicionam “literalmente mover o espaço para o plano do imaginário”. onde se pode conformar metaforicamente elementos da arquitectura e conceptualizar um novo mapa do mundo.¹⁷

- Após identificar a centralidade do princípio de estabilidade e permanência (expresso no conceito de “firmatas” da tríade Vitruviana) na definição tradicional de arquitectura, Ignasi Solà-Morales lança a hipótese de uma “arquitectura líquida”, expressão do câmbio e movimento e um novo modo de operar mais consonante com as características da sociedade em que vivemos. Uma arquitectura que abula a primazia do espaço sobre o tempo em favor da sua tensão, no seguimento da noção espacio-temporal Einsteiniana e da quarta dimensão que, no séc. XX, se tornou decisiva para entender a experiência arquitectónica. Uma arquitectura líquida significa “(...) que espaço e tempo estão simultaneamente presentes como categorias abertas, múltiplas, não redutoras, (...) desde uma vontade de hierarquizar e impor-lhes uma ordem (...)”.¹⁸

“A arquitectura que organiza os fluxos humanos nos intercambiadores,

aeroportos, estações marítimas ou de ferrocarril, não pode preocupar-se com a sua aparência ou com a sua imagem exterior. Tornar-se fluxo significa (...) estabelecer estratégias para a distribuição de indivíduos, bens ou informação”¹⁹. Carecemos pois, segundo o autor, de uma arquitectura líquida, que controle os fluxos.

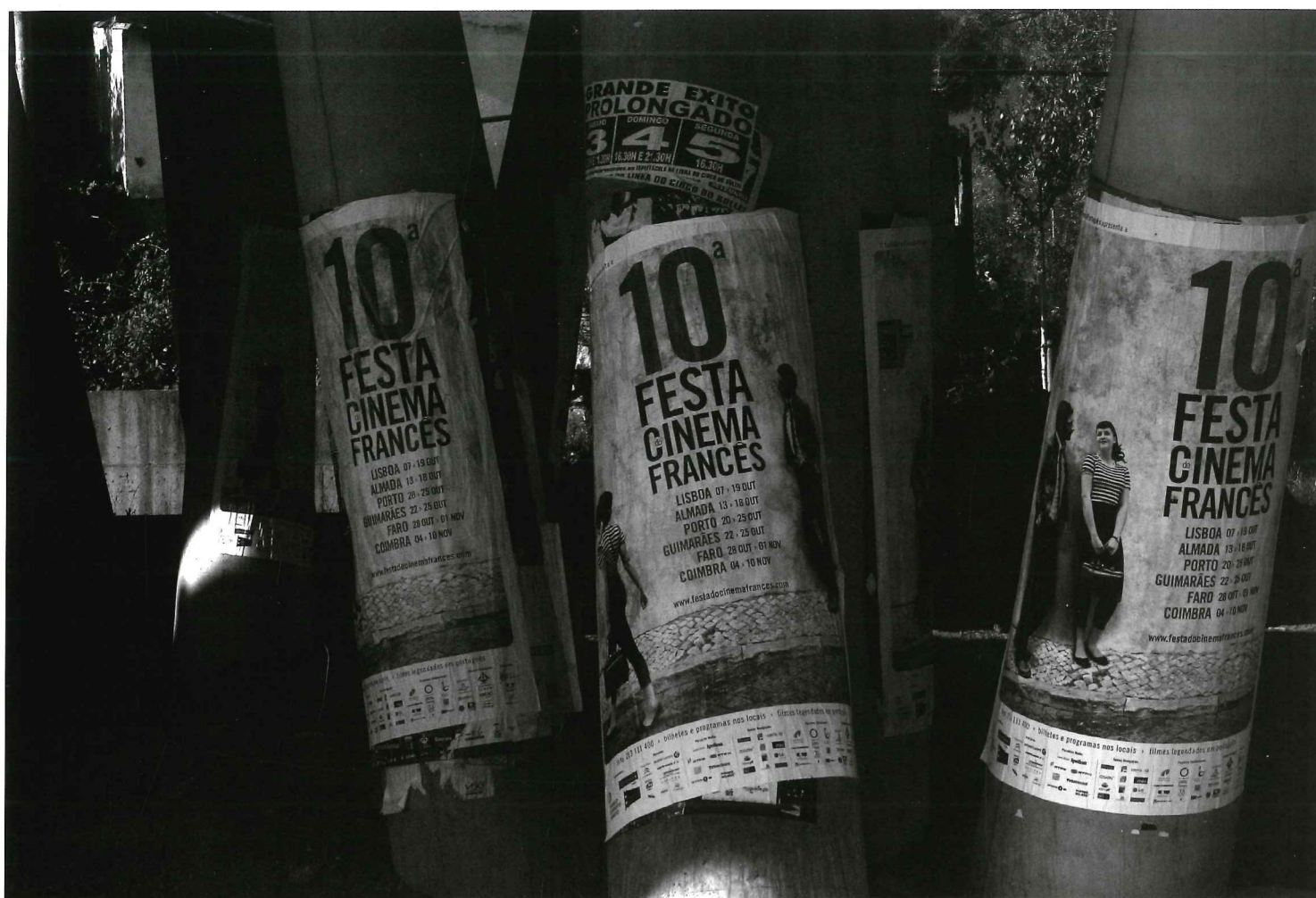
Virilio refere, por seu lado, que a arquitectura está a perder tudo o que a caracterizava no passado. Reconhece o aparecimento de uma nova dimensão com a expressão em espaço virtual e questiona-se de que modo isto afectará o espaço. Este autor refere que a “desaparição” afecta toda a forma de materialidade (entre as quais a arquitectura) “a terra (desterritorialização), o corpo (descorporalização) e a arquitectura (desedificação). Qualquer forma de matéria está prestes a desvanecer-se em favor de informação. Para mim, desaparecer não significa ficar eliminada. (...). Tal acontece com a arquitectura: continuará a existir, mas no estado de desaparecimento”.^{20/21}

- No entanto se a destabilização do protagonismo material e a artificialização imaginética no campo da arquitectura é objecto deste artigo não poderemos, em jeito de conclusão, deixar de contemplar a emergência do ciberespaço.

O lado virtual começa já a substituir as fachadas dos edifícios, a abalar o funcionamento e organização das cidades, e a “Híbrida arquitectura” de que fala Peter Zellner²² ou William Mitchell²³ experimenta abordagens a uma arquitectura que ocupe os territórios contíguos do real e do virtual. Tal insere-se a nosso ver numa história contínua que !paradoxalmente! procura a liberdade de uma utopia sugerida pela imaterialidade do ciberespaço, uma nova configuração espacio-temporal prometida pelas tecnologias actuais. Uma arquitectura que embora continue a protagonizar como constante física se adapte à “era da informação, (onde) o carácter virtual do nosso ambiente assumirá uma maior importância”.²⁴ A arquitectura, como antes fez com a técnica da máquina procurando conferir uma abordagem humana à sua incorporação no habitat construído, deve, neste novo lance da artificialização do espaço construído, que Banham tão notavelmente panfletou, empenhar-se criticamente.

Vivemos na era da genética e da digitalização. Vidler refere que as implicações das metamorfoses ocorridas no corpo, e a emergência da figura dos “tecnobodies” são muito mais radicais do que mesmo Branham pudera ter imaginado. Não mais estamos assentes nas promessas de uma casa como bolha-contenedor que liberta os seus conteúdos humanos das vicissitudes do ambiente externo: nem a Dymaxion house nem o facto espacial reflecte a infinita permeabilidade assumida pela pele contemporânea, a inter-reformulação parcial do e substituição técnica do corpo, ou a re-construção espacial implicada no cyberspace”.²⁵ A envolvente arquitectónica progressivamente artificializada aproxima-se do corpo e tende a fundir-se...

Já não se trata só pois de reflectir acerca submissão da arquitectura às forças do mercado ou acerca dos seus aspectos estéticos mas acerca do seu território e, talvez mesmo, da sua capacidade de serviço e sobrevivência. Questões que conscientemente permanecem em aberto. ■



Fotos: Ricardo Lima

[1] Este texto foi inicialmente publicado (2 versões) no início dos anos 2000.

[2] Tomás Maldonado, "Lo real y lo virtual", Gedisa editorial, 1994

[3] Veja-se o ensaio em que Colin Rowe aborda a ideia modernade transparência. (A primeira parte escrita em 1956 foi publicada em 1963 e a segunda em 1971)

[4] Yona Friedman, "Arquitectura móvil", Poseidon, 1978, p.17

[5] Bart Lootsma e outros (eds.) - Media and architecture, The Berlage Institute, 1998, p.52

[6] Greg Lynn in: Bart Lootsma et al (eds.) - Media and architecture, The Berlage Institute, 1998, p.51

[7] John Beckmann (ed), "The virtual dimension: architecture, representation and crash culture", Princeton Architectural Press, 1998, p.14

[8] Bert Muler, Media and architecture, The Berlage Institute, 1998, p.51/52

[9] P. Virilio entrevistado por Andreas Ruby in: "The virtual dimension: architecture, representation and crash culture", Princeton Architectural Press, 1998

[10] A cultura da medialização atinge a arquitectura, abalando a forma-função moderna e transmutando o revestimento e programa. Segundo Tschumi surge uma nova urbanidade em que "as suas confrontações e combinações de elementos podem proporcionar o "esdevinement", o choque, que espero que converterá a arquitectura das nossas cidades num ponto de inflexão da cultura e sociedade". (Tschumi in: AAVV, "Presente l futurs, Arquitectura a les ciutats" - UIA Barcelona 96, Col·legi d' Arquitectes de Catalunya , CCCB, Actar, 1996, p.43

[11] Um dos fenómenos metropolitanos característicos das duas últimas décadas que expressa o pressuposto de mobilidade tem sido a proliferação de contentores destinados a albergar múltiplas funções e actividades indefinidas e provisórias ligadas a ritualização do consumo e aos novos modos de vida espectacularizada. A incerteza e a independência forma-função passa a ser uma dimensão arquitectónica privilegiada. Digamos também que não só a cultura se torna efêmera como a cidade está em mudança permanente. A imagem e a velocidade sobrepõem-se na experiência espacial do indivíduo. Debord e os situacionistas referem-se a esta transformação em "sociedade do consumo".

[12] José Botey, "Arquitectura en el siglo XX", 1996, p.142

[13] Manuel Maria Carrilho, Verdade, certeza e argumentação, Ed. Presença, 1990, p.15/16/17

[14] Mirko Zardini, "Pele, muro, facciata", p.39/51, p.45

[15] Martha Rosler, "In the place of the Public", Centz, 1998, p.67

[16] Martha Rosler, "In the place of the Public", Centz, 1998, p.67

[17] Martha Rosler, "In the place of the Public", Centz, 1998, p.29 . O ensaio de Martha Rosler teve precisamente origem num texto para o livro "The invisible in Architecture" (1994, Ole Bouman) e tinha como propósito inicial comparar a arquitectura física e o ciberespaço.

[18] I. Solà-morales, Arquitectura, Líquida, Anyhow, (exemplar policopiado), p.6

[19] I. Solà-Morales, op. cit., p.10

[20] "The virtual dimension: architecture, representation and crash culture", Princeton Architectural Press, 1998, p.182 e 187

[21] Queremos salientar que a mesclagem do real-virtual não é um fenómeno específico destas tecnologias e das estruturas virtual-electrónicas e real-material contemporâneas. No século XVIII, por exemplo, podemos identificar nas galerias de espelhos essa complementaridade de espaços físicos com lógicas virtuais. Virilio identifica o mesmo fenómeno em exemplos como a "Torre sem fim" de Jean Nouvel. A "Torre sem fim", na sua ascensão (rumo ao céu) explora um progressivo aligeiramento da fachada e roça a desmaterialização. Jean Nouvel oferece outros excelentes exemplos do carácter híbrido material-real e virtual-electrónico-informativo. A Fundação Cartier expressa o mesmo estado crítico entre o sólido e o imaterial. (Igualmente a Bibliothèque National do seu contêrrâneo Perrault, expressa a história França através da imaterialidade e não da ostentação.) O complexo "Media park" (Colónia, 1992) é uma torre envidraçada que ao mesmo tempo que recebe luz, envia mensagens à semelhança de um computador. (Como refere Jaime Salazar a arquitectura ambiciona desaparecer quando a matéria lenta da construção ressoa com a velocidade da energia.) O edifício das galerias "Lafayette" é atravessado verticalmente por um cone onde se formam mensagens visuais, conjuntamente com outras projectadas sob os grandes ecrãs virados às ruas adjacentes. O edifício, intimamente relacionado com as imagens transmitidas, "encontra-se a metade do caminho entre a abstracção e a figuração (...) num jogo entre o inteligível e o perceptível". (Veja-se a Croquis sobre Jean Nouvel dos 90s, p.254)

[22] Peter Zellner, "Hybrid Space", Thames & Hudson, 1999

[23] W. Mitchell - "City of bits", MIT press, 1995 e "E-topia", MIT press, 1999

[24] Gerhard Schmitt - "Information Architecture", Texto & Imagine, 1998, p.7

[25] A. Vidler, "Homes for Cyborg: Domestic Protheses from Salvador Dalí to Diller and Scofidio" in: Octagono 96 , p.37/55